



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 16, v. 1

set.2021-dez.2021

p. 21-50

Sexos incertos: ambiguidade e diferença na autobiografia de Herculine Barbin

(Uncertain sexes: ambiguity and difference in Herculine Barbin's autobiography)

(Sexos inciertos: ambigüedad y diferencia en la autobiografía de Herculine Barbin)

Izabel Rizzi Mação¹

Davis Moreira Alvim²

Alexsandro Rodrigues³

RESUMO: Adèlaïde Herculine Barbin foi uma professora francesa diagnosticada como ‘hermafrodita masculino’ aos 21 anos de idade. Após ter seu status civil retificado, ela passou a se chamar Abel Barbin. Em 1868, já vivendo como homem, Herculine cometeu suicídio. Ao lado de seu corpo, foi encontrado o manuscrito Minhas memórias, no qual ela narrou as desventuras e alegrias de sua breve existência. As Memórias mostram que uma pergunta foi, insistentemente, endereçada a Herculine: “qual é o seu verdadeiro sexo?”, questão que ela, de certa forma, desarticulou. Acompanhando a autobiografia de Herculine, traçamos duas linhas de investigação. Na primeira, acompanhamos como a medicina europeia do final do século XIX se mostrou obstinada em desvendar o ‘verdadeiro’ sexo dos indivíduos. Na segunda, seguimos as potencialidades das Memórias para transtornar a questão dirigida a Herculine, que devolveu ao sistema sexo/gênero uma interrogação enérgica: nós realmente precisamos de um verdadeiro sexo?

PALAVRAS-CHAVE: Diferença sexual. Ambiguidade sexual. Herculine Barbin. Intersexualidade.

Abstract: Adèlaïde Herculine Barbin was a French teacher diagnosed as a “male hermaphrodite” at the age of 21. After having her civil status rectified, she was renamed Abel Barbin. In 1868, already living as a man, Herculine committed suicide. Beside her body, the manuscript entitled My Memories was found, in which she narrated the misfortunes and joys of her brief existence. My Memories indicates that a specific question was insistently addressed to Herculine: what is her real sex? However, she had dismantled this issue somehow. Following Herculine’s autobiography, we draw two lines of investigation. In the first, we followed how European medicine in the late 19th century was obstinate in unraveling the true sex of individuals. In the second, we followed the potential of My Memories to transform the question addressed to Herculine, which presented the sex/gender system with an energetic question: do we really need a real sex?

Keywords: Sexual difference. Sexual ambiguity. Herculine Barbin.; Intersexuality.

Resumen: Adèlaïde Herculine Barbin fue una profesora francesa diagnosticada a la edad de 21 años como “hermafrodita masculino”. Después de rectificado su estado civil, pasó a llamarse Abel Barbin. En el año 1868 y ya viviendo como hombre, Herculine se suicidó. Junto a su cuerpo, encontraron el manuscrito Memorias, en el cual narra las desventuras y alegrías de su breve existencia. Las Memorias muestran que la pregunta, ¿cuál es tu sexo

1 Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGHIS/Ufes). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes). E-mail: lebazi.r@hotmail.com.

2 Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo (PPGEH/Ifes). E-mail: davis.alvim@ifes.edu.br.

3 Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGpsi/UFES). E-mail: xela_alex@bol.com.br.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 04/01/2021

Aceito em 22/03/2021

verdadero?, fue insistentemente dirigida a Herculine, quien, de cierta forma, desarticuló esa cuestión. Acompañando la autobiografía de Herculine, trazamos aquí dos líneas de investigación. En la primera, revisamos cómo la medicina europea del final del siglo XIX se mostró obstinada en revelar el “verdadero” sexo de los individuos. En la segunda, seguimos las potencialidades de las Memorias para trastornar la pregunta enderezada a Herculine, que devolvió al sistema sexo/género una energética interrogación: ¿precisamos realmente de un verdadero sexo?

Palabras clave: Diferencia sexual. Ambigüedad sexual. Herculine Barbin. Intersexualidad.



1 Introdução

No inverno de 1886, Sophie V., uma governanta belga de 24 anos, foi ao consultório do professor Michaux procurando ajuda para resolver um problema específico. Recém-casada, ela alegava que seu marido não teve sucesso nas tentativas de consumir a união. Não foi possível, para ele, penetrar sua vagina. Sophie desejava saber as possíveis razões para isso ter acontecido e encontrar soluções para o problema. Depois de examiná-la, Michaux pensou ter descoberto uma explicação. Sophie – a despeito do que sua família, seu marido e ela mesma pensavam – era, na opinião profissional de Michaux, um homem. Esse relato, publicado pelo médico-cirurgião Dandois e reproduzido por Alice Domurat Dreger (1998), desperta diversas interrogações, tais como: quais fatores levaram Michaux a concluir que aquela jovem moça era, na verdade, um homem? O que Sophie pensava sobre essa situação? Como foi a resolução desse evento? Dreger (1998, p. 2, tradução nossa) deixa algumas pistas sobre o que ocorreu no insólito encontro entre Michaux e Sophie:

Michaux afirmava, repetidamente, para a incrédula Sophie que o problema não era a sua anatomia, mas a sua compreensão sobre a anatomia. Ele dizia, insistentemente, que sabia a verdade da carne e dos ossos e que ela deveria enfrentar os fatos. Sophie não conseguia acreditar naquilo que estava ouvindo. Ainda assim, Michaux repetia para a sua atordoada paciente: ‘Mas, minha cara mulher, você é um homem!’⁴.

Dreger (1998) também relata que, durante o exame, Michaux encontrou ao menos um testículo presente no corpo de Sophie e concluiu que seu marido não havia conseguido penetrar a sua vagina porque ela, simplesmente, não tinha uma. Apesar de seus trajes e modos femininos, a verdade anatômica foi revelada. A presença desse testículo solitário provava que Sophie era e, para todos os efeitos, sempre tinha sido, um homem – ela apenas não sabia disso ainda. Todavia, para Sophie, a verdade também era bastante simples. Ela se sentia mulher, vestia-se como mulher, via-se e se comportava como uma mulher, era amada e amava seu marido como uma mulher ama a um homem. Em outras palavras: Sophie era uma mulher. O médico deveria estar errado, ser louco ou muito cruel. Ademais, ela não tinha qualquer interesse em, subitamente, tornar-se um homem. Na mente de Michaux, contudo, a questão não envolvia qualquer dúvida. Do ponto de vista médico, a anatomia genital de Sophie constatava que ela era homem. Mas Sophie não via as coisas dessa maneira. Por isso, decidiu voltar para a cidade onde morava e continuar a viver como uma mulher. Para Michaux, ela optou por ignorar a verdade de sua própria carne, renegando a realidade latente de seu verdadeiro sexo.

4 *Again and again, Michaux insisted to the incredulous Sophie that the problem was not her anatomy but her understanding of her anatomy. He insisted that he knew the truth of her flesh and bones and that she ought to face facts. Sophie could not believe what she was hearing. Still, Michaux repeated to his stunned patient, ‘But my good woman, you are a man!’.*



Algumas décadas antes de Sophie adentrar o consultório médico de Michaux, ocorreu, na França, um caso semelhante, mas com um desfecho diferente. Em 1860, uma moça chamada Adèlaïde Herculine Barbin procurou o dr. Chesnet, médico da cidade de La Rochelle, para uma consulta, relatando certo inconveniente pelo qual ela havia passado. Sofrendo com fortes dores no lado esquerdo da virilha, Adèlaïde permitiu que a diretora do internato feminino, onde ela trabalhava como professora e administradora, convocasse um médico para examiná-la. Nessa ocasião, ela notou que, ao observar seu corpo, esse médico ficou um tanto confuso, aturdido e relutante em contar suas impressões. Como narrou Chesnet (1983, p. 116), depois desse episódio, Herculine ficou “preocupada com uma espécie de mistério de que entrevia ser objeto, e com algumas palavras escapadas da boca do médico durante a visita”, por esses motivos, “começou a prestar mais atenção a si própria do que costumava”. Desde então, uma nuvem de incertezas tumultuava sua mente.

Ao avaliar Herculine, Chesnet (1983, p. 118) constatou que as dúvidas, e as dores, que ela sentia haviam sido ocasionadas pelo fato de ela ser um homem ou, mais especificamente, um “homem hermafrodita sem dúvida, mas com evidente predominância do sexo masculino”. As dores que a levaram a procurar o primeiro médico foram ocasionadas pela passagem tardia de um corpo globuloso “através do canal inguinal”, corpo que, para Chesnet (1983, p. 117), não parecia “ser outra coisa além do testículo”. Quando esse ‘testemunho do sexo’ foi revelado, o médico se convenceu da masculinidade de Herculine e um processo civil foi aberto para que houvesse a devida apuração do caso. Assim, em 21 de junho de 1860, o tribunal civil de Saint-Jean d’Angély julgou que Adèlaïde Herculine Barbin era uma pessoa do sexo masculino. Seu primeiro nome foi substituído por Abel e sua certidão de nascimento foi retificada. A partir daí, tudo estava feito e, conforme narra Herculine (1983, p. 85),

[...] o estado civil me obrigaria a fazer parte daquela metade da raça humana a que chamamos de sexo forte. Eu, criado até os vinte e um anos de idade entre as moças tímidas das casas religiosas, iria como Aquiles deixar longe, bem longe de mim, um passado delicioso, para entrar na arena, armada apenas de minha fraqueza e de minha profunda inexperiência dos homens e das coisas!

Embora alguns anos separem a consulta de Herculine daquela realizada por Sophie, há, entre os seus casos, uma série de semelhanças. Em primeiro lugar, trata-se da ‘descoberta’ daquilo que, hoje, chamaríamos intersexualidade⁵, ou seja, a presença de características sexuais – primárias ou secundárias – que não se enquadram perfeitamente ao que é naturalizado como masculino ou feminino. Em segundo lugar, Herculine e Sophie foram pessoas que viveram até a idade adulta como mulheres e, repentinamente, viram-se sendo redefinidas como homens a partir

5 Para mais informações sobre o tema a partir de organizações de pessoas intersexo, consulte: <https://ihra.org.au/>; <https://interactadvocates.org/>; <https://brujulaintersexual.org/> e <https://www.facebook.com/abraintersex/>.



do olhar de médicos, juristas e outros especialistas. Ambas, enfim, tornaram-se objetos de ávidas e curiosas investigações⁶, de aclamados debates, de consensos e de muitos dissensos. Mas, para além disso, o que nós sabemos sobre as impressões de Sophie e Herculine acerca da situação vivida por elas? Quanto a Sophie, tudo o que conhecemos se resume ao que Michaux e Dandois decidiram contar. Quanto a Herculine, porém, as coisas são diferentes.

Após ter seu status civil retificado, Herculine se viu obrigada a abandonar o interior onde cresceu, mudou-se para Paris e, a partir dos 25 anos, dedicou-se à escrita de sua autobiografia, intitulada *Minhas memórias (Mes souvenirs)*, na qual ela narra os prazeres, as alegrias, os desejos e os infortúnios do que nomeia como sua “dupla e estranha existência”. (BARBIN, 1983, p. 92) O manuscrito *Minhas memórias* foi encontrado em seu quarto, ao lado de seu corpo sem vida, em fevereiro de 1868. Herculine se suicidou e, por isso, um médico-legista, dr. Régnier, suspeitou que aquele corpo pertencia a alguém que sofria de sífilis e se propôs a realizar um exame. Ao iniciá-lo, viu “imediatamente uma grande anomalia dos órgãos genitais externos e reconheceu um caso de hermafroditismo masculino dos mais caracterizados”. (GOUJON, 1983, p. 120) Diante de tal descoberta, Régnier logo informou outros médicos sobre o caso. Com receio de que “tal observação fosse perdida pela ciência”, os doutores E. Goujon e Duplomb, colegas de Régnier, pediram que ele “usasse de toda a sua influência junto ao comissário de polícia, a fim de que nos fosse permitido fazer a autópsia e retirar as diferentes partes afetadas pela anomalia”. (GOUJON, 1983, p. 120) O procedimento foi autorizado e realizado por Goujon.

O relatório derivado da autópsia foi publicado por E. Goujon, no *Journal de l'anatomie et de la physiologie de l'homme*. Auguste Ambroise Tardieu, um eminente médico forense da época, ficou encarregado de guardar o manuscrito *Minhas memórias*. Em 1874, Tardieu reuniu uma parte⁷ das *Memórias* aos relatórios feitos por Goujon e Chesnet, publicando-os juntos na obra *Question médico-legale de l'identité dans ses rapports avec les vices de conformation des organes sexuels*. Essa documentação foi recuperada por Michel Foucault, que republicou o manuscrito com outros arquivos que ele encontrou sobre o caso, incluindo, entre eles, o conto “Um escândalo no convento” (*Ein skandalöser Fall*) – escrito por Oskar Panizza e inspirado em Herculine – e a breve introdução “O verdadeiro sexo”. Esse conjunto compõe o livro *Herculine Barbin dite Alexina B*, lançado em 1978, na França.

6 Para mais referências sobre a polêmica aberta na comunidade científica pelo caso de Sophie, consulte: DREGER, A. D. *Hermaphrodites and the medical invention of sex*. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

7 Alguns trechos das *Memórias* de Herculine, especialmente aqueles nos quais ela narrou a sua experiência com o ‘mundo dos homens’ e os anos finais de sua vida, foram descartados por Tardieu e nunca chegaram a ser publicados. “Tardieu parece ter recebido o manuscrito completo das mãos do médico, doutor Régnier, que atestou o óbito e fez a autópsia. Entretanto, guardou consigo o manuscrito, publicando apenas o que lhe parecia importante [...]. Apesar das buscas, não foi possível encontrar o manuscrito que A. Tardieu tinha em mãos”. (FOUCAULT, 1983, p. 109)



As *Memórias* de Herculine não são as únicas de seu tipo. Como explica Foucault (2003), ao longo do século XIX houve, na Europa, um profundo interesse em todo tipo de relato pessoal e confessional. Também se presencia aí a emergência de um minucioso aparato de saber/poder que se desdobra, especialmente, nas questões relacionadas ao verdadeiro sexo dos chamados ‘hermafroditas’⁸. Isso contribuiu para despertar certo entusiasmo pela divulgação e análise de relatos como os de Herculine. Apesar disso, como indica Dreger (1998), o *Minhas memórias* é um dos poucos, se não o único, documento produzido no século XIX europeu no qual uma pessoa ‘hermafrodita’ narra suas experiências de seu ponto de vista. Isso confere ao texto de Herculine certa intensidade que faz com que ele se sobressaia.

A autobiografia *Minhas memórias* – e os demais documentos reunidos por Foucault no livro *Herculine Barbin dite Alexina B.* – nos levam de encontro a diversos indícios e pistas do que podemos chamar de uma ‘história do verdadeiro sexo’. Trata-se de uma história marcada por desavenças, contradições e ambiguidades, na qual as características que serviam como guia para a definição sexual dos corpos ditos incertos, iam muito além da mera aparência dos genitais. No final do século XIX, entretanto, presenciou-se o aparecimento daquilo que Dreger (1998) nomeia como ‘era das gônadas’, período em que houve um relativo consenso em torno da ideia de que as gônadas, os ovários e testículos, seriam as características mais eficazes para a determinação do verdadeiro sexo dos ‘indivíduos duvidosos’. Isso ocorre em um contexto no qual um conjunto de saberes se esforçava para remendar as barragens que sustentavam a distinção sexual binária, colocada em xeque por uma série de movimentos de resistência. Por expressarem uma diferença irreconciliável nos termos desse binarismo, vidas como as de Herculine emergem como foco problemático para a rígida divisão entre os homens e as mulheres e, ainda, como um objeto privilegiado para os mecanismos de poder/saber da época.

A partir dessas considerações, a primeira linha de investigação deste artigo será dedicada a acompanhar, ainda que de forma breve, essa história do sexo, profundamente marcada pelo tema das dubiedades sexuais e pelas ambiguidades sobre o entendimento do que ditaria, de fato, o verdadeiro sexo de cada um. Esse trabalho será realizado junto às *Memórias* de Herculine,

⁸ O uso dos termos ‘intersexo’ e ‘intersexualidade’ é impreciso para o contexto do século XIX, pois tais expressões só aparecem no século XX. Além disso, há uma diferença crucial entre os conceitos de ‘hermafrodita’ e ‘intersexo’. O hermafrodita personificava a sobreposição dos dois sexos em um único indivíduo, enquanto, por outro lado, o termo intersexo foi pensado a partir de uma nova grade conceitual, para a qual não há mais confluência dos sexos em um único corpo, e sim uma série de possíveis variantes sexuais que se manifestam de forma única em cada pessoa. Por isso, as palavras ‘hermafrodita’ e ‘hermafroditismo’ são entendidas, na atualidade, como pouco adequadas para designar as pessoas intersexo em sua multiplicidade. Todavia, os termos ‘hermafrodita’ e ‘hermafroditismo’ aparecem neste texto – sempre entre aspas –, dada a natureza e o contexto do material analisado. Para mais informações, consulte: *Manifesto intersexo* (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INTERSEXOS, 2020); e AYUSO, B. (2016), “Sou intersexual, não hermafrodita”: *as pessoas que não se encaixam na atribuição tradicional do sexo pedem maior visibilidade, sem clichês ou desinformação*.



recorrendo, também, aos documentos e relatórios produzidos sobre o seu caso. Na companhia de Herculine, veremos que, na Europa do fim do século XIX, a ideia segundo a qual cada um de nós deve ter um verdadeiro sexo, definido, sobretudo, pelas gônadas, era defendida com afinco. No entanto, essa mesma ideia ainda não havia se infiltrado totalmente em certos espaços, permitindo uma compreensão múltipla sobre a realidade do sexo e sobre a necessidade – ou não – de adequação aos ditames das gônadas.

Contudo, os pontos mais intensos da narrativa de Herculine não estão nessa primeira linha de investigação. O que a torna singular é, antes, a maneira como ela escapa ao seu contexto histórico. Vivendo e escrevendo nesse sistema de verdades sexuais, ela aflora como uma dessas heroínas cuja situação, apesar de pessoal, está amplamente conectada a aspectos coletivos mais vastos. Afinal, quantos de nós já nos sentimos vivendo sob a égide de um gênero que não parece ser nosso? Quantos de nós foram violentamente inseridos nesse sistema binário de classificação sexual? E quantos já desejaram desertar a terra árida do sistema sexo/gênero⁹? Instigadas por interrogações como essas, a segunda linha de investigação deste artigo buscará seguir certos elementos das *Memórias* que fogem às capturas da fixação sexual e constroem uma narrativa na qual o sexo quase não conta mais. Lendo Herculine a contrapelo, tentaremos nos coadunar aos aspectos das *Memórias* em que ela expressa as singularidades de uma vida parcialmente alheia ao verdadeiro sexo, atravessada pelos mais diversos problemas e permeada por invenções que, de certo modo, ligam-se ao presente e a todos nós.

2 Sexos incertos e testemunhos verdadeiros

Durante a segunda metade do século XIX ocorreu, no continente europeu, uma profusão de discursos voltados para a descoberta do verdadeiro sexo. Como explica Foucault (1983, p. 1),

9 O conceito do sistema sexo/gênero foi elaborado por Gayle Rubin e apresentado no ensaio “The traffic in women: notes on the ‘political economy’ of sex”, de 1974. Para Rubin (2017), o sistema sexo/gênero seria composto por um conjunto de intervenções humanas sobre os aspectos biológicos e naturais do sexo e da reprodução. Tal intervenção os transforma em seus correlatos culturais, ou seja, as sexualidades e os gêneros. O conceito, porém, já foi alvo de diversas críticas e reformulações. A própria Rubin se dedicou, em inúmeras ocasiões, a repensá-lo, como no ensaio “Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality”, de 1984, no qual ela sugeriu abandonar o conceito; e, mais recentemente, em uma entrevista realizada na companhia da filósofa Judith Butler. (JUDITH BUTLER..., 2017) Partilhando dessas críticas, sugerimos outro entendimento possível: o sistema sexo/gênero remete aos mecanismos de poder por meio dos quais os corpos são inseridos em um esquema de interdependência mútua entre o sexo e o gênero. O funcionamento ótimo desse sistema depende da coerência entre esses elementos, ou seja, da coincidência entre a aparência do ‘sexo’ e os comportamentos sociais do gênero. Nessa nova proposição, o corpo não deve ser encarado como uma matéria-prima, natural e biológica, ‘sobre a qual’ atuam as tecnologias de gênero e sexualidade, mas, antes, como uma parte complexa desse sistema, pois o ‘corpo humano’, assim como qualquer organismo biológico, produz significados e também é produzido por eles. (FAUSTO-STERLING, 2001) Desse modo, também assumimos que o sexo, muitas vezes entendido como natural, já está, desde sempre, contaminado pelas tecnologias sociais do gênero, sendo inseparável delas. Para mais informações, consulte: Sistemas sexo/gênero: de Gayle Rubin a Paul B. Preciado. (MAÇÃO; BENTIVOGLIO, 2019)



o Ocidente moderno tratou de situar o sexo “numa ordem de coisas onde se podia imaginar que só contavam a realidade dos corpos e a intensidade dos prazeres”. Mas, como ele mesmo questiona, seria realmente possível sustentar que cada um de nós tem um verdadeiro sexo ou, ainda, que o problema do desejo está diretamente relacionado ao pretense pertencimento a esse sexo, quando existem desejos e anatomias conflitantes? Como enunciar a veracidade do sexo quando ele está oculto por certa ‘irregularidade’ anatômica? (FOUCAULT, 2014) Trata-se de questões com as quais os homens da ciência – como os nomeia Dreger (1998) – da conturbada Europa do final do século XIX também se debatiam. A literatura médica do período, na qual se produziu um extenso debate sobre o fenômeno chamado ‘hermafroditismo’, revela que não havia uma única opinião, coerente e unificada, sobre quais aspectos seriam essenciais para determinar o verdadeiro sexo dos ‘corpos incertos’. Em última análise, esses saberes científicos sobre a ‘realidade’ do sexo estavam, eles mesmos, mergulhados em ambiguidades.

Um exemplo disso pode ser encontrado em um dos casos analisados por Dreger¹⁰ (1998). No dia 25 de abril de 1888, o ginecologista dr. Francourt Barnes – médico do Chelsea Hospital for Women, do British Lying-in Hospital e da Royal Maternity Charity – afirmou ter se encontrado com um ‘espécime vivo de hermafrodita’. Tratava-se de um indivíduo criado até os 19 anos de idade como uma moça, mas que, para Barnes, pertencia ao sexo masculino. Seu diagnóstico foi motivado por certas características do corpo do paciente, como o formato do crânio, o timbre da voz, a aparência dos genitais, a ausência de menstruação e de qualquer coisa semelhante a um ovário ou útero, além da presença de espessos pelos nas coxas e de dois corpos ovoides que pareciam ser testículos. No entanto, se Barnes acreditou que sua impressão seria recebida sem controvérsias na comunidade médica, ele estava enganado.

Críticas e interrogações foram abertas por todos os lados. Dreger (1998) explica que os contemporâneos de Barnes questionaram, a princípio, quais exames foram performados e se houve um uso extensivo do toque – anal e abdominal – para confirmar a ausência de útero e/ou ovários. Barnes havia realizado apenas um breve exame clínico, por isso, Charles Henry Felix Routh – consultor do Samaritan Free Hospital e fundador da British Gynecological Society – sugeriu que o paciente fosse anestesiado, com o objetivo de performar um exame de toque mais completo, em uma busca profunda por evidências do ‘verdadeiro sexo’. Enquanto isso não fosse feito, o diagnóstico de Barnes era, na opinião de Routh, ‘achismo’. Além disso, Routh apresentou a seguinte questão: caso fosse confirmada a ausência de útero ou ovários, seria isso uma marca inquestionável do ‘sexo masculino’? A literatura médica já havia demonstrado a existência de diversos casos de mulheres sem útero e/ou ovários, de modo que Routh não estava convencido.

10 Os pormenores desse debate foram apresentados pela autora no capítulo “*Doubtful Sex*”, p. 13-45.



Para tentar respaldar sua impressão, Barnes acrescentou que o ‘espécime’ desenvolveu, nos últimos três anos, certa quantidade de pelos faciais. (DREGER, 1998) Essa declaração, como explica Dreger (1998), parece ter tido efeito oposto ao esperado, suscitando ainda mais dúvidas. Routh considerava, por exemplo, que era comum entre mulheres judias o desenvolvimento de barbas e bigodes, sem que isso as tornassem homens. O médico consultor do Chelsea Hospital for Women, dr. James Aveling, concordava com o dr. Routh. Ele mesmo já havia visto diversas mulheres barbadas e bigodudas. O dr. Granville Bantock, do Samaritan Free Hospital, também apoiava Avelling. Na sua opinião, as características faciais não eram seguras para servirem de guia, especialmente quando os sujeitos usavam trajes femininos. Até a aparência dos genitais – que, para Barnes, lembrava um pênis – não deveria ser tida como um sinal definitivo do sexo daquele indivíduo. Como alguns colegas de Barnes ressaltaram, era preciso mais informações antes de decidir se o órgão em questão era um pênis ou um clitóris hiperdesenvolvido. Por fim, o dr. Heywood Smith, de Londres, sugeriu que a contenda fosse encerrada. A sociedade médica deveria estar de acordo quanto a sua dúvida em relação ao sexo daquele indivíduo e admitir que novas investigações precisavam ser feitas. O ‘espécime’ de Barnes voltou, porém, para a cidade onde morava, deixando um grupo de médicos bastante desconfortável com sua inabilidade para decidir qual seria o seu verdadeiro sexo ou quais seriam as maneiras mais concretas de alcançar um diagnóstico preciso.

Thomas Laqueur (2001) sugere que, a partir da modernidade europeia, emerge o chamado ‘modelo dimórfico’ da diferença sexual. Sob a égide desse modelo, os corpos masculinos e femininos passam a ser pensados como irremediavelmente opostos, diferindo uns dos outros até mesmo em seus aspectos microscópicos. Esse esquema dimórfico da distinção sexual é, ainda, profundamente marcado pela genitalização do sexo, isto é, pela ideia segundo a qual a aparência e ‘funcionalidade’ dos genitais seriam fatores determinantes na atribuição do verdadeiro sexo. O caso do ‘espécime vivo’ de Barnes realça, portanto, certas contradições nas quais esse modelo estava envolvido. A partir de um levantamento de relatos médicos como esse, Dreger (1998) demonstra que nem sempre as gônadas ou a aparência dos genitais foram encaradas pelos especialistas como fatores decisivos para a designação sexual dos sujeitos ditos incertos. A menstruação, o formato dos seios, da bacia e do crânio, os pelos faciais e a estrutura dos ossos, as inclinações amorosas e aptidões pessoais eram apenas algumas das características observadas na hora de assinalar o verdadeiro sexo dos corpos considerados confusos.

O sexo se manifestava em regiões minúsculas e obscuras dos corpos, de modo que muitos elementos poderiam levar à desconfiança ou fortalecer o pertencimento dos indivíduos ao seu verdadeiro sexo. Isso incluía não apenas aspectos ‘físicos’, mas, também, os gostos individuais,



os comportamentos, a atração afetiva e sexual, entre outros. Esses ‘fatores atenuantes’ – quer dizer, os elementos do sexo espalhados para além da fisiologia das gônadas e dos genitais – são importantes porque demonstram que o discurso sobre o ‘dimorfismo sexual’ produzido no final do século XIX era unitário apenas em sua superfície, uma vez que comportava diversos desacordos e era permeado por alguma flexibilidade. “Assim, o sexo era tecnicamente dual, mas sua natureza multifacetada foi aceita por muitos”¹¹. (DREGER, 1998, p. 106, tradução nossa)

Essas múltiplas e contraditórias maneiras de compreender a realidade do sexo ocuparam um papel fundamental nos encontros entre médicos e ‘hermafroditas’ do final do século XIX. As memórias de Herculine nos dão alguns indicativos dessa desarmonia e demonstram que nem sempre os médicos atuavam da mesma maneira quando se deparavam com esses corpos de sexo incerto. Do mesmo modo, elas explicitam que as reações daqueles que conviviam com pessoas cujo sexo se tornou alvo de suspeitas poderiam ser bem inusitadas.

Herculine relata ao menos dois de seus encontros com médicos, que tiveram desfechos bem distintos. O primeiro deles é narrado por ela da seguinte maneira:

[...] as dores que eu costumava sentir começaram a ficar mais frequentes e intensas. Sara¹² se inquietava com isso e insistia sempre que a deixasse chamar o médico. Por nada desse mundo eu consentia; mas a violência da dor foi tanta que tive que me resignar a isso.

Prevenida por sua filha, a senhora P... chamou o doutor T... Nunca mais esqueci aquela visita; seus menores detalhes estão ainda presentes em meu espírito [...].

As respostas que eu dava às suas perguntas eram para ele [o médico] enigmáticas, ao invés de esclarecedoras. Mas ele continuava a perguntar. Sabemos que, diante da doença, um médico goza de certos privilégios que ninguém pensa em contestar. Mas eu o ouvia suspirar, como se não estivesse satisfeito com seu exame. A senhora P... estava lá, esperando uma resposta.

Eu esperava também, mas com uma disposição bem diferente.

De pé ao lado da minha cama, o doutor me considerava com muita atenção. *Exclamações quase inaudíveis escapavam de sua boca... “Meu Deus, será que isso é possível!?”* [...]

Imediatamente escorregou a mão por sob o lençol e parou no lugar sensível. Apertou-o diversas vezes, como se estivesse tentando encontrar a solução de um problema difícil. Não ficou lá!!! E encontrou a explicação que procurava! *Mas era fácil de se ver que ela ultrapassava todas as suas previsões!*

O pobre homem ficou terrivelmente atordoado! *Frases entrecortadas escapavam de sua boca, como se ele tivesse medo de as pronunciar. Eu queria que ele estivesse bem longe de mim!!!* (BARBIN, 1983, p. 67-68, grifo nosso)

O que correu depois desse encontro? Nós poderíamos imaginar que a primeira reação do médico fosse contar a Herculine o que causava as dores que tanto a afligiam. Talvez também pudessemos ser levadas a acreditar que o dr. T... deveria estar ansioso para discutir a curiosidade

11 *Thus, sex was technically dual but its multilayered nature was accepted by many.*

12 A filha da senhora P..., Sara, era amiga íntima de Herculine. Frequentemente, as duas dividiam a mesma cama, trocavam carícias e chamavam uma a outra por nomes afetuosos. Conforme relata Herculine, ela e Sara mantinham uma espécie de namoro às escondidas. Esse relacionamento, porém, não passava despercebido. As duas eram alvo de uma intensa vigilância por parte da senhora P..., das alunas e dos outros funcionários do internato, situação que se agravou após essa visita do médico.



de sua descoberta com os seus pares. A resolução foi, porém, bem diferente disso. O médico não disse nenhuma palavra a Herculine. A senhora P..., diretora do internato, foi a única para quem ele expressou, de modo tangencial, alguns motivos de seu atordoamento. Ela, por sua vez, não deixou a dúvida criar raízes em sua mente. Herculine era uma moça educada e bem qualificada para a função que exercia. Não havia motivos para transtornar o funcionamento do internato ou para atrair olhares e comentários externos.

Para Aurora Laybourn-Candlish (2014), esse trecho das *Memórias* ilustra a inabilidade dos saberes médicos do século XIX, na Europa, para desvendar a ‘verdadeira identidade’ dos corpos considerados incertos. De certa forma, os aparatos de saber da época não estavam preparados para lidar com a diferença expressa pela vida e pela anatomia de sujeitos como Herculine. Nesse mesmo sentido, J. St. Jacques (2014) afirma que a situação de Herculine revela como os saberes científicos desse período eram extremamente limitados em suas capacidades de visualizar e de organizar, no campo da linguagem, as diversas possibilidades sexuais dos corpos. Para o autor, a verdade sobre o sexo de Herculine era impronunciável pelo dr. T..., pois ele não dispunha de uma ‘categoria’ para a encaixar, de um aparato linguístico que lhe permitisse nomear o sexo daquele sujeito de modo efetivo.

Repito que ele [o dr. T...] tinha o dever de se comportar de uma outra forma. Numa circunstância como aquela, a indecisão não era permitida; era uma falta grave, não só em termos morais como também em termos legais. *Apavorado com o segredo que o havia surpreendido, preferiu enterrá-lo para sempre!* [...]

Uma obstinação cega não permitiu que ele tomasse a iniciativa que impunham o título e a fé de um homem honesto; ao contrário, contentou-se em sugerir que ela [a senhorita P...] me afastasse de sua casa o mais rápido possível, acreditando se livrar assim de toda a responsabilidade. (BARBIN, 1983, p. 68-69, grifo nosso)

Mas, para Laybourn-Candlish (2014), na expressão de surpresa do médico e na sua mudez diante do caso, há algo além da dificuldade para encontrar os termos apropriados. Considerando o contexto, o mais provável é que o termo ‘hermafrodita’ já estivesse na ponta da língua do dr. T..., no entanto, havia, naquela situação, algo indizível. A expressão atônita do médico não foi, simplesmente, um sintoma da inaptidão dos saberes científicos para lidarem com a diversidade da anatomia sexual humana. Nesse balbúcio vacilante é possível perceber a força da diferença expressa por Herculine e a ameaça que a sua existência ‘contraditória’ representava ao modelo dimórfico da distinção sexual. Foi a severidade dessa ameaça que impediu o dr. T... de trazer a situação de Herculine para o campo do dizível, restando apenas o desconforto, o assombro e o silêncio cínico.

Durante os passeios que fazia com Sara, frequentemente encontrava o doutor T... Passava por nós e me cumprimentava com um sorriso! O que pensava nos vendo rir, sempre juntas?!!! Estranha situação!... Seu silêncio, sua atitude, me pareciam revoltantes!



Diversas vezes tive vontade de lhe pedir uma explicação, mostrando-lhe a falsidade de uma situação da qual eu precisava sair a qualquer preço. Sara repudiava toda e qualquer atitude do gênero. Para ela não se tratava de uma questão de reparação, mas de vergonha e maledicência que a perseguiriam por toda a vida! Ah, mas e eu! Eu a compreendia. (BARBIN, 1983, p. 69-70)

Esse silêncio, manifestado pelo médico, liga-se, de maneira dúbia, ao tipo de doutrina presente nos conventos e internatos femininos onde Herculine cresceu. Segundo Tetz Hakoda (2015), nesses ambientes a ‘discrição’ ocupava um papel importante, especialmente na direção da consciência, pois era requisitado, dos que ali se encontravam, uma constante e ininterrupta avaliação de si mesmos e, ainda, um firme compromisso com a confissão. Aliando a prática da confissão a um rigoroso e indiscreto exame da consciência, os indivíduos deveriam medir seus atos, corrigir seus desvios e se arrepender dos pecados. A direção da consciência necessitava, ainda, de outro tipo de moderação, além daquela operada pela figura do confessor. A esse caráter ‘indiscreto’ do exame de si e da confissão, somava-se uma rígida ‘discrição’ em relação a tudo o que se passava naqueles espaços. A direção da consciência era, então, mediada pelo limite entre ‘contar tudo’ e ‘não dizer nada’ e, igualmente, pela diferença entre as pessoas para quem era preciso contar – o padre, o bispo, a madre superiora e, algumas vezes, o professor e o médico – e aquelas diante das quais se devia calar.

Podemos entender, assim, porque essa visita do dr. T..., acompanhada de várias questões desconcertantes, se tornou um inconveniente para a diretora do pequeno internato. O médico representava, na sua visão, alguém que parecia não reconhecer a importância crucial de manter vivo esse delicado balanço entre ‘dizer tudo’ e ‘não dizer nada sobre certas coisas’.

Durante o jantar, notei que a senhora P... estava mais séria do que de costume. Ela não sabia dissimular seus sentimentos; sua preocupação e seu embaraço eram visíveis. Quando terminou a refeição fui me aquecer um pouco na cozinha. ‘Senhorita Camille¹³’, me disse ela, ‘mandei comprar os remédios prescritos pelo doutor. Mas ele não tornará a voltar aqui, pois eu me opus categoricamente’ [...]

Soube mais tarde que aquele homem, sem se explicar claramente à senhora P..., fez uma série de perguntas muito delicadas a meu respeito, as quais ela mal respondeu, não podendo acreditar no pensamento que as motivava. A suspeita não tinha lugar em sua alma; ele tinha sido violento e ela o repudiou energicamente. (BARBIN, 1983, p. 69-70)

Foi, também, por esse compromisso com a confissão e com essa direção da consciência, que, antes mesmo da visita do dr. T..., Herculine já havia procurado o auxílio do abade H..., da cidade de La Rochelle, e de um missionário, com o qual se encontrou em um retiro religioso. Nessas ocasiões, ela contou das incertezas despertadas por sua relação com Sara, das sensações que experimentava ao estar com ela e das suas dúvidas quanto ao papel que ela mesma ocupava

13 Camille é um pseudônimo que Herculine usava para falar de si mesma em suas *Memórias*. Foucault (1983) indica que isso talvez ocorra porque ela contava com a possibilidade de ter leitores. Também é interessante ressaltar que, na França, o nome Camille pode ser usado tanto para mulheres quanto para homens.



na ordem das coisas. A percepção da dificuldade na qual estava e o desejo de sair dela a levaram a procurar o abade H..., pois, enquanto católica fervorosa, Herculine (1983, p. 57)

[...] não podia esconder a verdade daquele que tem na terra o lugar de Deus, isto é, o confessor; e ele por sua vez deveria escutar todas aquelas barbaridades sem romper o silêncio que lhe é imposto pelo caráter sagrado.

Todavia, ao invés de direção ou de perdão, o abade ofertou apenas “injúria e desprezo. Secura, era tudo o que havia em seu coração!”. (BARBIN, 1983, p. 57) Herculine preferiu, por conseguinte, “deixar aquele guia cuja moral inqualificável só servia para distanciar do bem as naturezas mais fracas ou ignorantes”. (BARBIN, 1983, p. 57)

Alguns meses depois, enquanto estava em um retiro com as antigas amigas do Convento das Ursulinas¹⁴, ela pensou ter encontrado um confessor que, talvez, lhe fosse mais favorável. A sua impressão mostrou-se, no entanto, bem distante da realidade.

Era o momento, talvez, de colocar uma barreira intransponível entre o passado e o futuro, e eu precisava me recolher diante de Deus!!

Decidi me abrir com toda franqueza àquele confessor desconhecido, e esperar seu julgamento! Já é de se supor o espanto, a estupefação que lhe causou minha estranha confissão!!!

Terminei a confissão! Ele ficou em silêncio, absorto em seus pensamentos. Meus pecados, minhas misérias, não lhe incitaram mais do que uma doce comiseração [...].

Eis o conselho que me deu o abade: ‘Não direi – disse ele – o que você sabe tanto quanto eu, isto é, que você pode, se quiser, receber o título de homem a que tem direito. É claro que você poderia, mas como vai obtê-lo? Ao preço de maiores escândalos, talvez. Por outro lado, você não pode continuar nessa situação, pois que também é perigosa. Então, o conselho que eu lhe dou é o seguinte: retire-se do mundo e torne-se religiosa, mas não revele nunca a ninguém a confissão que me fez, pois um convento de mulheres não a admitiria. Essa é a única saída que eu vejo, e creia-me, aceite-a’.

Me retirei sem nada prometer, pois não estava preparada para tal resultado. (BARBIN, 1983, p. 62-63)

Mais de uma vez Herculine se viu diante desse ensurdecido silêncio ou de uma espécie de acordo inesperado entre as mais discrepantes figuras: dois clérigos, uma diretora e o dr. T.... Nenhum deles parecia disposto, como sugere Foucault (1983), a participar desse duro jogo da verdade que culminaria, posteriormente, em sua adequação ao sexo masculino. Mas Herculine tratou de buscar seus próprios meios para forjar as chaves de acesso a um mundo que ela temia e desejava. “Um sentimento mais forte me puxava; eu estava disposta a tudo, mas não queria sufocá-lo [...] Me resignei a levar tudo adiante. Quanto mais a crise se aproximava, mais eu sentia aumentar minhas forças!”. (BARBIN, 1983, p. 64)

Em certo sentido, ela não se conformou em ser um ‘objeto’, alguém sobre quem se fala, enfrentando, abertamente, esse silêncio e cinismo daqueles que a circundavam. Para St. Jacques (2014) há uma insistência de Herculine em ser ouvida, um movimento de resistência que vai na

14 Herculine passou boa parte de sua adolescência vivendo e estudando no Convento das Ursulinas de Chavagnes, na cidade de Saint-Jean-d’Angély.



direção contrária da ‘discrição’ e do silêncio, tão caros aos ambientes religiosos nos quais ela cresceu. Herculine se recusou a seguir os conselhos de seus confessores, pois não tinha qualquer intenção de se calar, afastar-se e cair no esquecimento. Antes, ela procurava uma ‘reparação’ e, incontáveis vezes, desejou que o escândalo estourasse. Ironicamente, porém, essa reparação aconteceu devido ao intermédio de um clérigo. Bastante insatisfeita com sua situação, Herculine procurou o monsenhor B...¹⁵, bispo em La Rochelle, para uma terceira confissão.

Terminada a missa acenei ao empregado da igreja e pedi-lhe que avisasse a Sua Eminência que eu ia me confessar. Ele voltou logo, dizendo que eu entrasse na sacristia. Aproximei-me sem medo, mas com uma força que se assemelhava ao desespero. Recebi a benção episcopal e me ajoelhei no genuflexório reservado aos penitentes. Minha confissão foi integral. O prelado me escutou com um assombro religioso. Sua grande alma não ficou insensível às minhas palavras, gritos de suprema aflição; seu olhar de águia mediu o abismo em que mergulhavam meus passos... A honestidade de minhas confissões falava a meu favor [...]. ‘Minha pobre criança’, disse ele, ‘você já terminou de falar, e não sei ainda o que lhe dizer. Autorize-me a usar de seus segredos, pois embora já saiba de tudo a seu respeito, não posso julgar semelhante questão. Hoje mesmo falarei com meu médico e me entenderei com ele sobre a conduta a tomar. Volte, portanto, amanhã de manhã, e esteja em paz’. (BARBIN, 1983, p. 75)

No dia seguinte, Herculine foi ao consultório do doutor H... (dr. Chesnet) que, segundo ela, não era “exatamente o que em geral se chama de médico, mas era um homem da ciência em toda a acepção da palavra”. (BARBIN, 1983, p. 75) Rapidamente, Chesnet percebeu “toda a gravidade da missão que lhe havia sido confiada. Sentia-se orgulhoso, porque seguramente era a primeira vez que via algo do gênero, e devo dizer que estava à altura do caso”. (BARBIN, 1983, p. 75) Herculine estava confiante, mas desagradada com o rigor da investigação e com as perguntas violentas feitas por esse ‘homem da ciência’.

Então ele me disse: ‘Aqui você não deve ver em mim apenas o médico, mas também o confessor. Se tenho necessidade de ver, tenho também de saber. O momento é grave, muito mais do que você imagina, talvez. Terei que prestar declarações precisas a seu respeito, primeiramente ao monsenhor, e em seguida à lei que sem dúvida me chamará como testemunha’. Não vou entrar aqui nos detalhes minuciosos daquele exame. Direi apenas que depois dele a ciência inclinou-se convencida. Restava-lhe agora reparar um erro que escapava a todas as regras comuns. Para isso seria preciso levar a julgamento a retificação do meu estado civil. (BARBIN, 1983, p. 76)

Em certo momento, Chesnet se mostrou convencido da ‘masculinidade’ de Herculine e, posteriormente, a justiça decidiu em favor da retificação do seu sexo. Apesar disso, diversas perguntas foram suscitadas pelo médico.

Dos fatos acima, o que concluiremos nós? Alexina¹⁶ seria uma mulher? Ela tem uma vulva, grandes lábios, e uma uretra feminina que independem de uma espécie de pênis

15 Aqui Herculine se refere a J.-F. Landriot, consagrado bispo de La Rochelle em 20 de junho de 1856 e, depois, arcebispo em Reims.

16 Alexina é um apelido dado a Herculine por aqueles que lhe eram próximos.



imperfurado, não seria isso um clitóris monstruosamente desenvolvido? Existe uma vagina, bem curta na verdade, e muito estreita, mas enfim, o que poderia ser além de uma vagina? Ela tem atributos totalmente femininos, é verdade, mas nunca menstruou; externamente, seu corpo é masculino, e minhas explorações não me levaram a encontrar um útero. Seus gostos, suas inclinações a levam em direção às mulheres [...] para finalizar, podemos encontrar os corpos ovoides e o cordão de vasos espermáticos num escroto dividido. (CHESNET, 1983, p. 118)

Se, depois desse exame, Herculine (1983, p. 77) se sentia “confusa demais”, com a sua “imaginação em delírio” e incapaz de se deter em algo “que fosse sério ou sensato”, nos parece que Chesnet também não estava, ao menos a princípio, tão seguro assim de seu diagnóstico. No entanto, após analisar os corpos ovoides, Chesnet (1983, p. 118) concluiu se tratar de testículos que consistiam, em suas palavras, “nos verdadeiros testemunhos do sexo”. Para ele, Herculine era “um [...] hermafrodita [...] com evidente predominância do sexo masculino”. (CHESNET, 1983, p. 118) Para alguns de seus pares cientistas, entretanto, os motivos de ela ter vivido como uma mulher eram incompreensíveis, pois ela era, muito propriamente, um homem com um caso grave de hipospádia¹⁷, logo, não havia indícios de hermafroditismo ali. (DREGER, 1998) Já E. Goujon (1983, p. 120), em sua apresentação da autópsia de Herculine, afirmou que “difícilmente se poderia encontrar uma mistura tão radical dos dois sexos no que diz respeito a tudo que caracteriza os órgãos genitais externos” e, além disso, que “a conformação dos órgãos genitais externos desse indivíduo lhe permitia, embora manifestadamente fosse um homem, representar indistintamente o papel [sexual] de homem ou de mulher”. Temos, desta forma, ao menos três visões profissionais diferentes sobre o caso, somadas as diversas impressões expressas pelos outros confessores, pelo dr. T... e pela diretora do internato.

O ‘verdadeiro sexo de Herculine’ aparentava, então, estar preso em um imbróglio tão paradoxal quanto toda a empreitada do século XIX, na Europa, para definir o que caracterizaria, sem sombra de dúvidas, a realidade do sexo de cada um. Ainda assim, o seu caso moldou – como demonstra Dreger (1998) – o tratamento biomédico dispensado aos ‘hermafroditas’ no final do século XIX. Os especialistas que se mostraram preocupados com um diagnóstico precoce no caso de Sophie, por exemplo, ou do ‘espécime vivo’ de Barnes, recorreram ao desfecho de Herculine para alertar sobre as tristes consequências que uma retificação repentina no status civil poderia acarretar. Do mesmo modo, realçava-se a necessidade de diagnósticos precoces, únicos capazes de evitar que tais situações se repetissem. Tardieu deixa essas preocupações bem explícitas em sua introdução ao caso:

O fato extraordinário, que passarei em seguida a relatar, representa sem dúvida o exemplo mais cruel, e a mais dolorosa das consequências fatais, que pode ocasionar um erro cometido desde o nascimento, na constituição do estado civil [...].

17 Condição congênita em que a abertura da uretra se localiza em outro lugar que não é a ponta do pênis.



Não hesito em publicá-la [as *Memórias*] quase que inteiramente, para que não se perca o duplo e precioso ensinamento que encerra, por um lado do ponto de vista da influência que exerce sobre as faculdades afetivas e disposições morais a deformação dos órgãos sexuais, e por outro do ponto de vista da gravidade das consequências individuais e sociais que pode ter uma constatação errônea do sexo de um recém-nascido. (RELATÓRIOS, 1983, p. 113-114)

Eventualmente, casos como o de Herculine vão se tornar cada vez mais raros. As novas tecnologias de distribuição da diferença sexual, aliadas aos avanços científicos dos séculos XX e XXI, tornaram o procedimento de atribuição sexual das pessoas intersexo bem mais discreto e eficiente. Porém, como assinala Dreger (1998), o vigor alcançado pelo atual modelo dimórfico não teria sido possível sem essa série de saberes sobre os ‘corpos duvidosos’, que se consolidou no final do século XIX. Mesmo com as constantes contradições e o reconhecimento da influência dos chamados fatores atenuantes, os médicos dessa época parecem ter sido norteados por uma concepção em comum: a ideia de que havia apenas um sexo para cada um de nós. Daí o esforço para encontrar o que determinaria a verdadeira identidade sexual dos chamados ‘hermafroditas’ e a insistência na realidade desse sexo, como nas falas de Michaux para Sophie V. e de Chesnet para Herculine. Mas, como o relato de Herculine mostra, houve momentos em que os médicos preferiram, por vários motivos, não compartilhar com seus pacientes as suas impressões nem mesmo exigir deles a retificação civil. Isso fez com que seu caso inspirasse certa urgência na medicina oitocentista europeia. A publicidade à qual a história de Herculine foi exposta deixou explícita a necessidade de repensar o problema, potencialmente comum, do ‘hermafroditismo’.

A vida de Herculine realçava uma verdade inconveniente: os ‘hermafroditas pareciam estar por toda parte, invadindo, inclusive, espaços sacralizados ao feminino – como os internatos para moças e conventos nos quais Herculine viveu 21 anos de sua vida. Contudo, alguns médicos, como o dr. T..., pareciam alheios às preocupações acarretadas por uma possível atribuição errônea do sexo dos indivíduos ou, o que era pior, aparentavam não saber lidar com as consequências de seu prolongamento durante a idade adulta, escolhendo se calar diante dessas situações. É claro, sempre se poderia esperar semelhantes atitudes por parte dos mais ignorantes ou dos mais cegos para a verdade “da carne e dos ossos”. (DANDOIS, 1886, p. 49 apud DREGER, 1998, p. 2) A ciência precisava, todavia, fazer mais do que isso. Por mais desafiador que fosse um caso, como parecia ser o de Herculine, uma observação cuidadosa e um exame rigoroso eram capazes de determinar a real figura escondida no quebra-cabeças da anatomia, permitindo encontrar, como fez Chesnet (1983, p. 118), os ‘verdadeiros testemunhos do sexo’.

Um corpo = um sexo: como indica Foucault (1983), essa foi a concepção – conceitual, filosófica e clínica – que se impôs no desfecho do século XIX, na Europa, por meio de uma série



de acontecimentos importantes e extensamente debatidos. Herculine é um desses acontecimentos, alguém que, repetidamente, viu-se sendo questionada e se questionou quanto ao seu verdadeiro sexo. Porém, o fato de ela ter se dedicado à escrita das *Memórias* tornou o seu caso singular. Para a medicina da época, isso significou acessar, de forma minuciosa, todos os percalços da vida de Herculine – como afirmou Goujon (1983, p. 120) em sua apresentação do relatório da autópsia:

A observação que vou aqui relatar é uma das mais completas que a ciência já possui no gênero, uma vez que o indivíduo que é seu objeto pôde ser acompanhado, por assim dizer, desde o seu nascimento até a morte, e o exame de seu cadáver, bem como a autópsia, puderam ser feitos com todos os cuidados necessários. Essa observação é sobretudo completa pelo fato excepcional de o sujeito em questão ter nos deixado longas memórias, através das quais nos inicia em todas as sensações nele produzidas nos diferentes períodos de seu desenvolvimento físico e intelectual.

Para nós, no entanto, trata-se de algo diferente: as memórias de Herculine nos levam ao encontro não apenas das ambiguidades de sua vida – e da vida como um todo –, mas, também das diversas maneiras pelas quais a realidade anatômica e as identidades são inventadas, divididas e reguladas. (DREGER, 1998) Como afirma Suzanne J. Kessler (1990), a ‘correção’ – seja ela cirúrgica ou jurídica – dos intersexos não ocorre, prioritariamente, pelo fato de essa singularidade anatômica ser ameaçadora¹⁸ para a vida da pessoa, e sim porque a vida daquela pessoa é ameaçadora para uma cultura. A existência de Herculine era, portanto, perigosa para o sistema sexo/gênero. Por isso, ela foi continuamente domesticada e, sucessivamente, reinserida nesse mesmo sistema. Mas, de certa forma, ela permaneceu transitando por uma zona movediça, habitada por aqueles seres que são considerados ilegíveis nos termos desse esquema dimórfico da diferença sexual.

3 Nós realmente precisamos de um verdadeiro sexo?

Embora o ‘hermafroditismo’ de Herculine tenha feito dela alvo de certos esquemas de poder/saber, isso é o que há de menos potente sobre ela. Para Foucault (1983), o mais notável das *Memórias* é que elas se passam em um território subjetivo além das possíveis capturas da identificação sexual. Apesar de Herculine ter escrito sua autobiografia depois da retificação de

18 Vale ressaltar que há apenas duas ocasiões em que a intersexualidade pode oferecer riscos para a vida da pessoa. A primeira delas ocorre em alguns casos de hiperplasia adrenal congênita (HAC), nos quais o corpo desenvolve um desequilíbrio eletrolítico. Por isso, quando nasce uma criança intersexo é preciso, rapidamente, descartar ou confirmar a HAC, bem como diagnosticar e tratar esse desequilíbrio – caso ele exista. Outra situação ocorre com a síndrome de insensibilidade androgênica (AIS). Atualmente, sabe-se que, em pessoas com AIS, os testículos têm probabilidades de se tornarem cancerosos ao longo da vida, de modo que um acompanhamento médico é necessário para escolher as melhores formas de intervenção se isso ocorrer. (DREGER, 1998; KESSLER, 1990) No entanto, nenhuma dessas condições requer a redesignação genital como um ‘tratamento’ indispensável para a manutenção da saúde dos indivíduos intersexo. Para mais informações, consulte: Global disorders of sex development update since 2006: perceptions, approach and care. (LEE et al., 2016)



seu status civil, a sua narrativa põe em ação outra coisa, diferente da resposta que os médicos, curiosos e obstinados, esperavam dela. Contra a verdade buscada pelos aparatos de saber/poder, ela impõe uma fragmentação e um uso circunstancial da própria identidade, de seu sexo e de sua escrita, forçando os saberes médicos a se calarem a seu respeito. (ANDRADE, 2007)

Os dispositivos de poder/saber buscaram domesticar as linhas abertas pelas *Memórias*, usurpando aquilo que Herculine escreveu e transformando a sua vida em uma maneira de validação das conclusões que os médicos lhe impuseram. Tornada um homem, é sob essa condição que ela deveria falar. Tal intenção está explícita nas palavras ditas a ela, por exemplo, pelo dr. Chesnet e pelo bispo de La Rochelle:

‘Me dê a mão, *senhorita*; em breve a chamaremos de outra forma, eu espero [...]. Não sei como o monsenhor vai decidir, mas duvido que ele permita que você retorne a L...¹⁹ Esse lado da sua vida está perdido pois sua situação não seria tolerável [...]’. Em seguida, dirigiu algumas palavras de encorajamento a minha pobre mãe, cuja perplexidade chegara ao auge. ‘A senhora perdeu uma filha, é verdade’, disse ele, ‘mas ganhou um filho que não esperava’. (BARBIN, 1983, p. 76, grifo da autora)

No dia seguinte voltei ao bispado. O monsenhor me esperava. ‘Estive com o doutor’, disse ele, ‘e já soube de tudo. Após uma longa reflexão, eis o que eu decidi: você voltará para L... por alguns dias ainda, a fim de minimizar os rumores que possam surgir com a sua partida. Com isso dou a você um voto de confiança. Não abuse dele. Faça-se substituir o mais rápido possível e volte aqui para falar comigo. Depois encontraremos um meio de lhe dar um novo lugar na sociedade’. (BARBIN, 1983, p. 77)

Como explica Paul B. Preciado (2014), mesmo na atualidade, o sistema sexo/gênero não consegue lidar com as consequências – sociais e políticas – da permanência de um sexo incerto para além da infância. Assim, Herculine deveria, rapidamente, assumir seu status masculino por direito e se tornar o que sempre deveria ter sido: um homem. Erro resolvido e caso encerrado. Herculine, entretanto, não faz isso. As “memórias de sua vida, Alexina escreveu quando já havia sido descoberta e estabelecida sua ‘verdadeira’ e ‘definitiva’ identidade. Mas é óbvio que não é do ponto de vista desse sexo enfim reencontrado que ela as escreve”. (FOUCAULT, 1983, p. 6)

Em Herculine se sobressai uma escrita estrangeira, uma narrativa que borra as fronteiras dentro das quais se constitui a identidade sexual. Ela é inapreensível, inclusive, nos termos de identificação dos gêneros – seja ele o gênero literário ou a identidade de gênero. Como Robert J. Porter (2008) nota, a narrativa de Herculine desregula até mesmo as normas tradicionais das autobiografias. Nela não há diversos elementos comuns a esse tipo de texto. Nas *Memórias* não há epifania, Herculine não mantém um único estilo de escrita e nem sequer é possível encontrar um texto unificado ou cronologicamente linear – recursos que, em geral, são usados para

19 ‘L...’ é La Rochelle, onde ficava o internato no qual Herculine trabalhava. Ao longo de seu texto, Herculine usa a abreviatura ‘B...’ para se referir a La Rochelle, todavia, nas páginas citadas, parece haver uma confusão entre essas duas abreviaturas. Não sabemos por que isso ocorreu, se foi um erro da autora ou daqueles que ficaram responsáveis por editar e publicar suas *Memórias*.



construir o caráter do narrador e atestar a veracidade daquela história. Mesmo quando Herculine invoca elementos corriqueiros das autobiografias, como a distinção entre uma vida antiga e uma vida nova, ela o faz de forma zombeteira e cheia de ironias. Sua ‘nova vida’ é uma forma devastadora de subversão da antiga e, em vez de ganho de certeza na identidade a partir do reconhecimento de seu ‘verdadeiro sexo’, proliferam-se incertezas e perplexidades.

De vez em quando eu me perguntava se não estava sendo o brinquedo de um sonho impossível.

Esse resultado inevitável que eu já tinha previsto, e até desejado, me amedrontava agora como um crime revoltante. Definitivamente eu o tinha provocado, e tive que fazê-lo, sem dúvida; mas quem sabe? Talvez eu estivesse agindo contrariamente ao meu dever. Será que essa brusca mudança que ia me colocar em evidência de um modo tão inesperado não ofenderia o pudor?

Será que o mundo tão duro e tão cego em seus julgamentos consideraria esse movimento como um movimento de lealdade, ou será que o deturparia transformando-o num crime?

Ah, mas infelizmente eu não pensei nessa possibilidade. Fui levada pelo impulso de um dever a ser cumprido. Eu não podia imaginar! (BARBIN, 1983, p. 77)

Trata-se de uma narrativa tecida por um sujeito de muitos nomes – Adèlaide, Alexina, Abel, Camille –, que relata a si mesmo ora como um ser celestial, ora como criatura monstruosa, inumana e inadequada. Porter (2008) assume que, com esses artifícios, Herculine demonstra que a sua intenção não é reparar sua fragmentação como sujeito, pois ela não objetiva se encontrar pelo ato de escrever a própria história. Não é a partir do sexo masculino, finalmente reencontrado, que ela escreve seus relatos, tentando se lembrar do tempo quando ainda “não era ele mesmo”. (FOUCAULT, 1983, p. 6) Ao contrário, diante de sua realidade fragmentada, a escrita de Herculine se resolve de forma enérgica, indo em direção a outro tipo de fragmentação. Tal como em seu texto, ela se torna cada vez mais decomposta e precária conforme a história se desenrola e, ao final, ela apenas se dissipa. Segundo Porter (2008, p. 131, tradução nossa), isso significa que as *Memórias* não são somente uma forma de sua narradora rememorar o passado: “em suas enormes evasões e em suas declarações de vazio, o livro é um ato de esquecimento”²⁰.

Em sua autobiografia, Herculine adquire um caráter efêmero e, conforme seus escritos caminham para os relatos de sua vida como Abel, eles se tornam apenas fragmentos. Isso nos faz supor que ela não se torna Abel, simplesmente. O processo envolve algo além da revelação ou da elevação ao verdadeiro sexo. Ele implica uma fuga, uma curva, um desvio ou a descoberta de um meio de acesso. “Eu era *perseguida* por uma ideia constante. Surgia o novo horizonte de um futuro que não podia mais ser adiado!!!” (BARBIN, 1983, p. 61, grifo da autora) E, como qualquer desvio, aquele operado por Herculine é um desvio mortal. De certa forma, ela sabe morrer, ou melhor, parece ter o senso e o pressentimento dos que antecipam a morte: “Tenho

20 [...] in its enormous evasions, and in its declarations of emptiness, the book is an act of oblivion.



vinte e cinco anos, e, embora seja ainda jovem, começo a não duvidar do termo fatal de minha existência”. (BARBIN, 1983, p. 13) Para Porter (2008), ainda que a morte seja tema constante nas autobiografias – já que nelas a escrita procura afastar o perecimento do corpo pela fixação da vida em narrativa –, tal categorização não serve para Herculine. As *Memórias* são um tipo de ‘nota de suicídio’. (PORTER, 2008, p. 134)

Quanto a inquietudes, posso afirmar que não tinha nenhuma.
 Considero que cada dia me é dado como sendo o último de minha vida. E isso eu o faço naturalmente, sem nenhum pavor.
 Para compreender tal indiferença aos vinte e nove anos, é preciso ter sido, como eu, condenado ao mais amargo dos suplícios, ao isolamento perpétuo. A ideia da morte, geralmente tão repugnante, é de inefável doçura para a minha alma dolorida.
 A visão de um túmulo me reconcilia com a vida. Lá encontro não sei que ternura, para aquele cujos ossos estão sob meus pés. E todos os homens que me foram estranhos tornaram-se meus irmãos. Converso com suas almas libertas das correntes terrestres; cativo, espero ansiosamente o dia em que poderei me unir a eles.
 Fico a tal ponto emocionado, que sinto meu coração dilatar-se de alegria e esperança. Chorarei, mas doces lágrimas. (BARBIN, 1983, p. 100-101)

Porter (2008) assume, enfim, que não há um ‘Eu’ que perpassa toda a narrativa porque é impossível determinar a identidade de gênero do autor. Herculine substitui a pergunta comum feita às autobiografias – *who speaks here?* – por outra: *how to speak?*²¹. Ela escreve o mundo a partir de sua experiência ‘hermafrodita’, alheia ao verdadeiro sexo e, em nossa realidade plenamente sexuada e generificada, temos dificuldade para acompanhá-la. Essa fragmentação da identidade sexual de Herculine também é notada por Foucault (1983). Ele enfatiza que há, nas *Memórias*, todo um jogo entre pronomes femininos e masculinos, que se misturam e sobrepõem, o que nos leva a pensar que Herculine não tinha certeza – ou, ao menos, não tanta certeza como os médicos e juristas – de a qual sexo pertencer. “Alheio e sonhador, meu rosto parecia curvar-se sob o peso de obscuras melancolias. Eu era *fria*, tímida...” (BARBIN, 1983, p. 13, grifo da autora)

Para Foucault (1983, p. 6), este aspecto das *Memórias* – o fato de Herculine ter, para ela mesma, uma noção incerta quanto ao seu sexo – exprime as propriedades de um mundo “de impulsos, prazeres, tristezas, tepidez, doçuras, amarguras, onde a identidade dos parceiros, e sobretudo o enigmático personagem em torno do qual tudo se desenrola, não tinha nenhuma importância”. Dentro das sociedades fechadas em que Herculine cresceu (orfanatos, conventos, escolas para mulheres), nas quais predominava uma intensa monossexualidade, seu relato serve como manifestação de prazeres e provocações produzidos por esse sujeito dissonante, sem um sexo definido, perdido entre aqueles corpos que deveriam ser semelhantes ao seu.

Habituada há muito a ter um quarto só para mim, sofri enormemente nessa espécie de comunidade. A hora de levantar, sobretudo, era um suplício para mim. Não queria que

21 ‘Quem fala?’ e ‘como falar?’.



minhas amigas me vissem e tentava esconder-me. Não que desejasse afastá-las de mim, pois as amava demais para isso, mas é que ficava instintivamente envergonhada da enorme distância que fisicamente nos separava.

Justamente na idade em que se desenvolvem todas as graças femininas, meu andar e minhas roupas não eram harmoniosas. Minha pele, doentivamente pálida, denotava um estado de sofrimento habitual. Meus traços visivelmente duros não passavam despercebidos. Uma leve penugem que aumentava a cada dia cobria o meu lábio superior e uma parte das bochechas. Compreende-se que essa particularidade suscitasse gracejos, os quais eu tentava evitar usando frequentemente a tesoura ao modo de uma navalha [...].

Também o meu corpo era literalmente coberto de pelos, o que me obrigava, mesmo durante o verão, a manter os braços escondidos. Quanto ao meu talhe, era ridiculamente magro. Tudo em mim chamava a atenção, e eu me apercebia disso todos os dias. Apesar disso, era *amada* por minhas professoras e companheiras e a esse amor eu correspondia, mas de um modo tímido e temeroso. (BARBIN, 1983, p. 32-33, grifo da autora)

Para Mélişe Lafrance (2010), uma das características mais instigantes das *Memórias* está no fato de elas relatarem as experiências desse indivíduo incerto, considerado monstruoso, indizível, que, porém, experimenta felicidade e júbilo ao se enamorar por aqueles corpos tão diferentes do seu. A distinção entre Herculine e as outras, da qual ela possui certa consciência, parece incitar a sua ‘não identidade’²² sexual, pois ela é essa criatura divergente, perdida em meio àqueles corpos que deveriam ser iguais ao seu. “Nasci para amar. Todas as faculdades de minha alma estavam voltadas para o amor; um coração ardente escondia-se sob minha aparência fria e quase indiferente”. (BARBIN, 1983, p. 33)

Com isso não queremos dizer, é claro, que essas relações façam dela lésbica, bissexual ou homossexual. Do ponto de vista da medicina, como o dr. Chesnet deixa explícito, os gostos e as inclinações de Herculine a levavam em direção às mulheres. Isso foi, sem dúvida, encarado como uma simplória coerência entre o sexo ao qual ela verdadeiramente pertencia e seus impulsos sexuais.

O ponto de inflexão que Herculine produz na propagação linear do poder não diz respeito, porém, a sua condição ‘feminina’ ou ‘masculina’, mas, antes, à produção de amor e

22 A hipótese de que Herculine habita um “limbo feliz da não identidade” é levantada por Foucault (1983, p. 6) na introdução às *Memórias*. Essa proposição foi, contudo, duramente criticada por Judith Butler no capítulo “Atos corporais subversivos”, da obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Butler (2015, p. 169-170), afirma que, ao tomar certas experiências de Herculine como expressões de uma ‘não identidade’, Foucault invoca “o tropo de uma multiplicidade pré-discursiva que efetivamente pressupõe uma sexualidade ‘antes da lei’, a rigor, uma sexualidade à espera de sua emancipação dos grilhões do sexo. Por outro lado, ele insiste oficialmente em que a sexualidade e o poder são coextensivos, e em que não devemos pensar que, ao dizermos sim ao sexo, estamos dizendo não ao poder [...]. Os diários de Herculine fornecem uma oportunidade de ler Foucault contra ele mesmo, ou talvez, mais apropriadamente, de denunciar a contradição que constitui esse tipo de convocação emancipatória à liberdade sexual”. Essa asserção deu vazão a uma rica produção bibliográfica, na qual os termos desse debate foram ressignificados e questionados. Para uma análise mais pontual sobre esse embate entre Butler e Foucault, consulte: Bodies and pleasures in the happy limbo of a non-identity: Foucault against Butler on Herculine Barbin (HAKODA, 2014); The discourse of the scalpel and the limbo of non-identity: doing justice to Herculine Barbin (LAYBOURN-CADLISH, 2014); Uncertain erotic: a foucauldian reading of Herculine Barbin dite Alexina B (LAFRANCE, 2010); e *Sexual ambiguity: narrative manifestations in adaptation*. (ST. JACQUES, 2014)



desejo ‘na’ diferença. Para Foucault (1983), as práticas sexuais e os amores de Herculine se passam no território inapreensível que ela mesma ocupa e são incitados por sua incerteza quanto ao seu sexo. Trata-se, então, de uma dessemelhança afirmativa, que foi, constantemente, alvo de intervenções e regulações por parte do sistema sexo/gênero. Segundo Laybourn-Candlish (2014), a amabilidade de Herculine transcende os limites da inteligibilidade, forjando ligações quase impossíveis entre o imediatamente inteligível e o ininteligível. Ela se vê, de certa forma, como um ser diferente dos outros que a cercavam e essa diferença é elevada, transformando-se em amor, em devoção e em inusitadas conexões. Tal intensidade nubla todas as identidades nas quais poderíamos tentar encaixar Herculine.

Meu estado era motivo de sérias inquietudes, o que explicava o excesso de atenções das boas religiosas que me cercavam. Eu era, como Lea²³, objeto de cuidados constantes, e a enfermaria nos reuniu mais de uma vez.

Eu a envolvia num culto ideal e apaixonado ao mesmo tempo.

Eu era sua escrava, seu cão fiel e agradecido. Eu a amava com aquele ardor que eu colocava em todas as coisas.

Quase chorava de felicidade quando a via abaixar sobre mim seus longos e desenhados cílios, cuja expressão era doce como um carinho.

Como eu me sentia *orgulhosa* quando ela desejava encostar-se em mim no jardim.

De braços dados, nós percorríamos assim as longas alamedas cercadas de espessos roseirais.

Ela falava com aquele espírito elevado e incisivo que a caracterizava.

Sua bela cabeça loura inclinava-se sobre mim, e eu agradecia o beijo caloroso.

‘Lea’, eu dizia, ‘Lea, eu te amo!’ (BARBIN, 1983, p. 19, grifo da autora)

Mas existe um contraste entre esse mundo de Herculine e a realidade europeia do século XIX, no qual se formava um gigantesco e discretíssimo aparato de poder destinado à subjetivação dos indivíduos e ao gerenciamento do verdadeiro sexo de cada um. Isso confere a ela um caráter inconveniente, provocando a sensação de estranheza que a cerca. “Como definir essa impressão estranha que inspira minha presença? Eu não saberia. Mas para mim ela é visível, incontestável”. (BARBIN, 1983, p. 97) É, contudo, nessa sensação de estranheza, nessa aptidão para encurvar a linearidade inflexível do sistema sexo/gênero, que percebemos um potencial das *Memórias* para, conforme a intuição de Preciado (2014, p. 131), borrar a “fronteira para além da qual há diferença, e a quem da qual há identidade”. Esse potencial, de fato, não parou de ser apreendido, colmatado e domesticado pelo sistema sexo/gênero.

Na Europa do século XIX, a noção de verdadeiro sexo apareceu e se consolidou como um fundamento e núcleo constitutivo das subjetividades, logo, a existência de ‘seres duvidosos’, como Herculine, tornou-se um problema social e científico. Como indica Lafrance (2010), já havia, no período em que ela escreveu suas *Memórias*, uma obstinação em determinar como o corpo ‘naturalmente’ feminino deveria se parecer, trajar-se e se portar. O conjunto de saberes

²³ Lea é uma das amigas de infância de Herculine, com a qual ela conviveu durante sua estadia no Convento das Ursulinas de Chavagnes.



voltados para identificação, caracterização e adequação dos corpos considerados incertos também já estava presente. Essas concepções afetaram Herculine e contribuíram para despertar sua atenção quando essa ‘estranheza’ era disparada por sua presença.

Fiquei terrivelmente emocionada. Sara percebeu. ‘Pelo amor de Deus, Camille, o que há com você? E então, não tem mais confiança na sua amiga? Não sabe que é a você que eu mais amo no mundo?’

‘Sara’, respondi eu, ‘do fundo de minha alma, eu te amo como nunca amei ninguém na vida. Mas não sei o que está acontecendo comigo. E sinto que essa afeição não pode me satisfazer. Para isso eu precisaria de toda a tua vida! Invejo, às vezes, a sorte daquele que será seu marido’ [...]

Voltamos para casa em silêncio.

Eu estava triste e confusa. Um sorriso consolador vindo de vez em quando de Sara me fazia esquecer as monstruosas aflições de minha alma!... (BARBIN, 1983, p. 52-53)

Como Porter (2008) assinala, em diversas ocasiões Herculine se refere ao próprio corpo como inadequado, doente, pálido, excessivamente peludo – e isso faz com que ela se sinta uma pária entre suas colegas. Ao contrário da riqueza de detalhes sobre seu aspecto físico, invocada nos laudos médicos e pareceres, quando Herculine fala de si mesma ela tende a realçar aspectos de sua personalidade. Ela “é uma Aquiles deslocada, uma amante apaixonada sem companhia adequada, um monstro, uma criatura vergonhosa e repugnante, um escravo da devoção em um cenário de amor cortês”²⁴. (PORTER, 2008, p. 128, tradução nossa) Herculine procura deixar fora de sua narrativa descrições sobre sua anatomia corporal e, exceto por breves considerações, não nos permite conhecer a sua aparência. Essa evasão parece ter sido usada como um recurso para se liberar do sistema que a acorrentou ao corpo físico, forçando em Herculine, cruelmente, uma identidade exclusiva. Não por acaso, ela dedicou alguns parágrafos de seus relatos para se dirigir aos médicos e cientistas que, como Herculine parecia saber bem, viriam – como abutres – tentar desvendar todos os possíveis segredos que se escondiam em sua anatomia.

Quando chegar esse dia [de minha morte], alguns médicos farão tumulto em torno dos meus despojos; eles virão buscar em mim uma nova luz, analisar todos os misteriosos sofrimentos que se concentram num único ser. Oh príncipes da ciência, sábios químicos, cujos nomes ecoam no mundo, analisem então, se for possível, todas as dores que queimaram e devoraram esse coração até suas últimas fibras; todas as lágrimas ardentes que o inundaram, dessecaram em suas selvagens opressões!

Descubram quantas pulsações lhe imprimiram os desprezos sangrentos, as injúrias, os escárnios infames, os sarcasmos amargos, e encontrarão o segredo impiedosamente guardado em seu túmulo!... (BARBIN, 1983, p. 96)

Para Daniel Pereira Andrade (2007) podemos ver, nas *Memórias*, a dupla maneira pela qual se buscou transformar a experiência de Herculine em sujeição à identidade. Por intermédio do exame, do diagnóstico clínico de sua condição como ‘hermafrodita masculino’ e, enfim, da retificação de seu status civil, Herculine deveria adquirir uma ‘identidade normal’, a partir da

24 *She continually dramatizes herself: she is an Achilles out of place, a passionate lover with no proper mate, a monster, a shameful and repugnant creature, a slave to devotion in a courtly love scenario.*



qual mediria os seus desvios e procuraria corrigi-los. Há, aqui, o funcionamento de mecanismos de poder que procuraram fazer de Herculine sujeito no duplo sentido da palavra: “sujeito aos médicos, pelo controle e dependência; e sujeito à sua própria identidade, por uma consciência ou autoconhecimento. De qualquer forma, um poder que a subjuga e a sujeita”. (ANDRADE, 2007, p. 243) Todavia, ela mantém, para si mesma, a noção de um sexo incerto e desarticula a questão central elaborada pelo sistema sexo/gênero. Enquanto os médicos curiosos perguntam a Herculine: “qual o seu verdadeiro sexo?”, ela transtorna essa questão, ou melhor, ela a inverte: afinal, “nós realmente precisamos de um verdadeiro sexo?”. Essa resposta virtual, direcionada por Herculine ao sistema sexo/gênero, desenha nas *Memórias* um movimento de transgressão que a torna impossível de ser capturada e objetivada nos termos desse mesmo sistema. O sexo de Herculine é, de alguma maneira, sempre impronunciável porque ‘ela’ não é nem um homem, nem uma mulher, mas sim uma pessoa ‘hermafrodita’ do século XIX lidando com as penúrias e dificuldades de viver na sociedade do verdadeiro sexo.

Dessa impossibilidade de nomear o sexo de Herculine, decorre uma impossibilidade de pertencimento à raça humana²⁵. Seu impulso e velocidade confundem as fronteiras destinadas à segregação entre feminino e masculino, transgredindo, igualmente, as divisões entre humano e inumano.

Vai, maldito, cumpre o teu destino! O mundo que invocaste não foi feito para ti. Não foste feito para ele também. Nesse vasto universo onde todas as dores têm lugar, tu procurarás em vão um canto para abrigar a tua. Mas a esse canto sua dor macularia. Ela inverte todas as leis da natureza e da humanidade. As casas de família fecharam as portas para ti. Tua própria vida é um escândalo da qual se envergonharia a jovem virgem, a tímida adolescente. (BARBIN, 1983, p. 92)

Como no conto “A muralha da China”, de Franz Kafka, esse corpo nômade de Herculine já era, desde o princípio, um invasor dentro dos muros descontínuos que separam o feminino e o masculino, ocupando, sucessivamente, lugares que nunca deveriam ter lhe pertencido. “Terei eu sido culpado e criminoso porque um erro grosseiro me deu um lugar no mundo que não deveria ser meu?” (BARBIN, 1983, p. 56). O que ela diz de si mesma só pode ser dito a partir desse território de indiscernibilidade e indiferenciação. Isso torna Herculine inominável para o sistema sexo/gênero. Dentro dos termos desse sistema, ela é, em certo sentido, ilegível. Mas é, precisamente, dessa condição, do limiar entre o inumano e o ininteligível, que ela escreveu suas *Memórias*. “Profundamente desgostosa de tudo e de todos, suporto, sem nenhuma emoção, as

25 O objetivo deste artigo foi realizar uma análise focada na Europa e, mais especificamente, na França do final do século XIX. No entanto, vale ressaltar que, nesse mesmo momento histórico, outros debates e outras maneiras de compreender as noções de sexo, gênero e de identidade tomavam forma no Sul global. Fomentadas pelo contexto de abolição colonial, as noções próprias ao Sul global vão indicar a necessidade de repensar esses conceitos a partir de nossos próprios parâmetros, indicando, ainda, a importância do recorte racial e de suas implicações na delimitação dos corpos considerados – ou não – como humanos. Para mais informações sobre o tema, consulte: *No existe sexo sem racialización*. (MIRANDA et al., 2017)



injustiças dos homens, e seus ódios hipócritas, pois não poderão jamais me atingir na fortaleza segura em que me escondo”. (BARBIN, 1983, p. 95)

Mas, como pondera Butler (2018), passar por essa privação radical de reconhecimento ameaça as possibilidades de um corpo existir e persistir. Viver nesse limite, entre o humano e o inumano, é uma situação que coloca a própria viabilidade da vida de uma pessoa – ou de certo grupo de pessoas – em questão. Para aqueles que são apagados ou rebaixados pelas normas, “a luta se torna uma batalha corpórea por condição de reconhecimento, uma insistência pública em existir e ter importância”. (BUTLER, 2018, p. 44) Nesse sentido, as *Memórias* de Herculine nos colocam em contato com uma história do sexo contada desde baixo, ou seja, por um desses sujeitos inomináveis que, ainda assim, encontrou uma maneira de se fazer inteligível, de forjar suas próprias conexões. E a existência mesmo dessa batalha – desses ilegíveis, como Herculine –, contra um sistema de legitimidade paradoxal e excludente, indica a possibilidade de estarmos no limiar para desenvolver os termos que nos permitam viver a vida de outras maneiras, quem sabe, mais democráticas para os corpos e desejos em conflito com as normas hegemônicas de distribuição da diferença sexual.

Por isso, compreendemos que, em suas memórias, Herculine não fala meramente de si. Não se trata da narrativa de sua história, seu passado ou sua memória familiar. Trata-se de falar a voz de um povoado nascente que, em séculos posteriores, integrará uma multidão *high-tech* de experimentadores de gênero, criaturas que são parte organismo, parte ficção sociopolítica. Em sua escrita solitária, Herculine se funde à enunciação coletiva dos heróis de seu povo. Sua literatura é, seguindo a intuição de Gilles Deleuze (2008), em primeiro lugar, ‘assunto do povo’, de um povoado qualquer que ainda não era conhecido ou que aguardava as condições para nascer. “Não sei que estranha cegueira me fez sustentar até o fim esse papel absurdo. Talvez tenha sido a sede do desconhecido...”. (BARBIN, 1983, p. 105)

4 Considerações finais

Ao longo dos séculos XX e XXI, presenciamos a insurgência daqueles que foram, por um longo tempo, subordinados aos saberes médicos. Intersexos, bissexuais, homossexuais, transexuais, travestis, pessoas em quimioterapia, hemofílicos, pessoas com deficiência e muitos outros tipos de ‘pacientes’ se colocaram a contar suas próprias histórias, construindo um conjunto de saberes bem diferente daquele narrado do ponto de vista da medicina. É, em grande parte, graças a essas lutas, que admitimos – ainda com bastante dificuldade – a possibilidade de um indivíduo adotar uma identidade de gênero que não esteja ‘de acordo’ com sua anatomia



sexual ou mesmo de uma pessoa viver sem precisar se identificar, totalmente, com um gênero ou uma sexualidade específica.

A ideia segundo a qual cada um de nós deve ter um único e verdadeiro sexo está longe, porém, de ser desfeita. Se, no desfecho do século XIX na Europa, certos especialistas buscavam a verdade nas gônadas, atualmente, os cientistas se dedicam a isolar características cerebrais dos indivíduos, afirmando que não são os genitais ou mesmo os cromossomos que definem nossas identidades de gênero, mas sim as estruturas neurais e os hormônios esteroidais. (BENTO, 2017; ROHDEN, 2008) Para Foucault (1983), independentemente da opinião da biologia a esse respeito, lidamos com a difusão geral dessa ideia herdada da Europa do século XIX, segundo a qual existe, entre sexo e verdade, relações complexas, obscuras, essenciais, ditadas, em sua maioria, pela fórmula moderna um corpo = um sexo. Além disso, desse modelo dimórfico da diferença sexual, onde o homem e a mulher aparecem como as únicas possibilidades verdadeiras de existência, a irregularidade sexual continua a ser vista como pertencendo ao mundo das utopias. Dreger (1998, p. 197, tradução nossa) faz uma importante consideração sobre isso:

Apesar de todas as mudanças culturais que ocorreram [nos últimos séculos], ainda temos a regra de um-corpo-um-sexo, e essa regra continua a ser impulsionada, em grande, parte pelos mesmos mecanismos que a impulsionaram no século XIX: um interesse em manter clara a distinção entre os gêneros masculino e feminino, concomitante a um interesse em preservar uma divisão clara entre a homossexualidade e a heterossexualidade, fornecendo suporte ao que é visto como heterossexualidade. As crianças são classificadas, bem cedo, para que a ‘confusão de identidade de gênero’ não leve a uma sexualidade ‘*queer*’. Vaginas são consideradas especificamente ‘funcionais’ quando podem aceitar um pênis ‘típico’ e pênis são ‘funcionais’ quando podem ser encaixados em vaginas. A forma como os intersexos são tratados hoje tem muito do efeito pretendido pelo tratamento conceitual e prático dispensado ao tema no século passado [século XX]: manter os dois sexos claros e manter a noção de que a heterossexualidade é normal e a homossexualidade não²⁶.

Nesse sistema de verdades sexuais unitárias, o corpo intersexo é uma impossibilidade e, ao mesmo tempo, um desafio. Como assinala Anne Fausto-Sterling (2001), a manutenção dessa distinção binária e inequívoca entre os sexos depende do controle e do gerenciamento daqueles corpos que são tão refratários que chegam a apagar as fronteiras. Do ponto de vista da medicina, o progresso no ‘tratamento’ desses sujeitos não envolve, então, apenas o seu bem-estar. Antes, ele é motivado por uma série de preceitos morais ligados à manutenção do normal. E o final do século XIX, na Europa, foi um momento em que as concepções morais estavam sendo

26 *In spite of all the cultural changes that have occurred, we still have the one-body-one-sex rule, and that rule continues to be driven largely by the same engines that drove it in the nineteenth century: an interest in keeping clear male/female gender distinctions, and a concomitant interest in retaining a clear division between heterosexuality and homosexuality and in supporting what is seen as heterosexuality. Children are sorted early lest ‘gender identity confusion’ lead to ‘queer’ sexuality. Vaginas are specifically ‘functional’ when they can take a ‘typical’ penis, and penises are specifically ‘functional’ when they can be fit into vaginas. The way intersexuals are treated today has much of the same effect intended by the conceptual and practical treatment of the last century: to keep two clear sexes and to retain the notion that heterosexuality is normal and that homosexuality is not.*



abertamente questionadas. Nesse período, ascenderam os primeiros movimentos feministas, que colocaram em questão as normas de gênero, além de um grupo ainda disperso de pessoas que resistiram à dualidade intransigente produzida pelo verdadeiro sexo, como Sophie e Herculine. Trata-se de ações e de modos de viver que desafiaram a rigidez das fronteiras sexuais, provocando a reação dos saberes instituídos. Em contraste com as mudanças sociais acarretadas por tais movimentos, os homens da ciência se esforçaram para determinar qual seria o aspecto essencial que mantinha a divisão entre os sexos, concluindo que a verdade residia nas gônadas. Assim, o interesse pelos ‘hermafroditas’ crescia conforme aumentava a preocupação com a manutenção dessa distinção – ‘normal’, ‘natural’ e ‘sadia’ – entre homens e mulheres. (DREGER, 1998)

Embora os ‘hermafroditas’ do final século XIX, tais como Sophie V. e Herculine Barbin, não estivessem, conscientemente, buscando fragmentar o sistema de diferenças sexuais, suas vidas confundiam os estereótipos que o sustentam, levantando problemas quanto à integridade, à natureza e aos limites dessa separação. (DREGER, 1998) Essas existências conflitivas, bem como as sérias dificuldades que elas desencadeavam na comunidade médica, forçaram, então, a atualização dos saberes científicos. As anatomias confusas e os desejos contraditórios foram responsáveis, em certo sentido, por demonstrar como são instáveis, plásticas e estreitas as fronteiras destinadas à manutenção da distinção sexual binária e, igualmente, por mobilizar um conjunto de saberes explicitamente interessados em sua fixação e regulação.

Ao longo dos séculos XX e XXI, essas existências ‘anormais’ – feministas, homossexuais, intersexos, entre tantas outras – vão forjar arriscadas e excêntricas alianças, cometendo o crime de falar por si mesmas, de nos forçarem a ouvir suas histórias, construindo, junto a isso, novas formas de saber e outras formas de viver uma vida. Como afirma Dreger (1998), é por isso que todos nós nos assemelhamos, de certa forma, aos intersexos. Suas histórias nos levam a pensar no que significa ser alguém que não se enquadra nas fronteiras do sistema sexo/gênero, nessas fronteiras que, de todo modo, estão fincadas em certos esquemas de saber/poder construídos e moduláveis. Portanto, colocar em questão os mecanismos através dos quais se desenvolveu e se estabeleceu esse sistema significa participar de um compromisso – coletivo, ético e político – em nome da relativização da suposta naturalidade dicotômica do sexo. (MACHADO, 2005) Esta reivindicação, pelo reconhecimento de que certos corpos e vidas ultrapassam esses limites impostos pelo modelo dimórfico da distinção sexual, está bem explícita no *Manifesto Intersexo: pela autonomia dos corpos*, por exemplo.

Somos intersexo e não masculino e nem feminino, nosso sexo biológico pouco nos importa, nossos corpos funcionam de forma única, não dá para determinar nosso sexo porque não é possível determinar o que é indeterminado, o que é único, o que é singular,



e em nenhuma idade: porque cada um tem um desejo em relação ao seu corpo, um desenvolvimento único. Nós somos diversos! Então, por que não esquecer que existe sexo? Aceitem nossa diversidade corporal! (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INTERSEXOS, 2020)

Nesse sentido, uma ‘história do sexo’ pode revelar a turbulência e as lutas em torno da pretensa realidade do sexo, da natureza do verdadeiro sexo, suas regras próprias, das questões sobre o que o sexo pode ou deve significar. (DREGER, 1998) Mas ela pode fazer mais do que isso. Ela pode nos conectar às vivências de sujeitos que, assim como os intersexos da atualidade, se colocaram, de alguma maneira, contra esse sistema que, como sugere Foucault (2014, p. 86), exige “uma correspondência rigorosa entre o sexo anatômico, o sexo jurídico e o sexo social”. Se o sistema sexo/gênero ofereceu a Herculine – como sinônimo de normalidade – o território árido da distinção sexual em suas regulações normativas, ela tratou de responder a ele na forma de um bater de asas, de uma fuga e errância plenas em coragem. O que nos resta fazer é aprender com ela.

Guardai pois vossa piedade. Ela vos pertence, mais do que a mim. Minha natureza angelical paira sobre todas as vossas inomináveis misérias, pois me disseste que não há lugar para mim em sua estreita esfera. A vós a terra, a mim o espaço sem limites. Acorrentados pelos laços dos vossos sentidos grosseiros, vossos espíritos não podem mergulhar no límpido mar do infinito, onde minha alma, em desvario por sobre vossas praias áridas, sacia sua sede. (BARBIN, 1983, p. 93)

Referências

ANDRADE, D. P. Vidas paralelas: Foucault, Pierre Rivière e Herculine Barbin. *Tempo Social*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 233-252, 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INTERSEXOS. *Manifesto intersexo: pela autonomia dos corpos*. São Paulo, 8 set. 2020. Facebook. Disponível em: <https://bit.ly/2To7PS5>. Acesso em: 22 out. 2020.

AYUSO, B. “Sou intersexual, não hermafrodita”: as pessoas que não se encaixam na atribuição tradicional do sexo pedem maior visibilidade, sem clichês ou desinformação. *El País*, Madrid, 17 set. 2016. Disponível em: <http://bit.ly/3cT7HTn>. Acesso em: 12 maio 2021.

BARBIN, A. H. Minhas memórias. In: FOUCAULT, M. (org.). *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 11-104.

BENTO, B. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.



BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CHESNET. Questão de identidade; vício e conformação dos órgãos genitais externos; hipospadias; erro sobre o sexo. In: FOUCAULT, M. (org.). *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 115-118.

DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2008.

DREGER, A. D. *Hermaphrodites and the medical invention of sex*. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 18, n. 2, p. 9-79, 2001.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Ditos e escritos, v. 4).

FOUCAULT, M. (org.). *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

FOUCAULT, M. O misterioso hermafrodita. In: *Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. (Ditos e escritos, v. 9).

GOUJON, E. Estudo de um caso de hermafroditismo imperfeito no homem. In: FOUCAULT, M. (org.). *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

HAKODA, T. Bodies and pleasures in the happy limbo of a non-identity: Foucault against Butler on Herculine Barbin. *Zinbun*, Kyoto, n. 45, p. 91-108, 2014.

JUDITH Butler entrevista Gayle Rubin. *Blog da Ubu*, São Paulo, set. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3tNDVH2>. Acesso em: 12 maio 2021.

KESSLER, S. J. The medical construction of gender: case management of intersexed infants. *Signs Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, v. 16, n. 1, p. 3-26, 1990.

LAFRANCE, M. Uncertain erotic: a foucauldian reading of Herculine Barbin dite Alexina B. *The Journal of Twentieth Century/Contemporary French Studies revue d'études français*, Abingdon, v. 6, n. 1, p. 119-131, 2010.



LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAYBOURN-CANDLISH, A. The discourse of the scalpel and the limbo of non-identity: doing justice to Herculine Barbin. *Res Cogitans*, London, v. 5, n. 1, p. 127-135, 2014.

LEE, P. A. *et. al.* Global disorders of sex development update since 2006: perceptions, approach and care. *Horm Res Paediatr*, Basel, n. 85, v. 3, p. 158-180, 2016.

MAÇÃO, I. R.; BENTIVOGLIO, J. C. Sistemas sexo/gênero: de Gayle Rubin a Paul B. Preciado. In: ENCONTRO INTERNACIONAL ENGÊNERO, 3., 2018, Vitória. *Anais [...]*. Vitória: Laboratório de Estudos de Gênero, Poder e Violência, 2019. p. 465-483. Disponível em: <https://syr.us/coQ>. Acesso em: 12 maio 2021.

MACHADO, P. S. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. *Cadernos Pagu*, Florianópolis, n. 24, p. 249-281, 2005.

MIRANDA, L. R. *No existe sexo sem racialización*. Madrid: El porvenir de la revuelta, 2017.

PORTER, R. J. Figuration and disfigurement: Herculine Barbin and the autobiography of the body. *Prose Studies: History, Theory, Criticism*, Abingdon, v. 14, n. 2, p. 122-136, 2008.

PRECIADO, P. B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: N-1, 2014.

RELATÓRIOS. In: FOUCAULT, M. (org.). *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 111-130.

ROHDEN, F. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, suppl., p. 133-152, 2008.

RUBIN, G. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu, 2017.

ST. JACQUES, J. *Sexual ambiguity: narrative manifestations in adaptation*. 2014. Tese (Doutorado em Humanidades) — Amsterdam School for Cultural Analysis, Amsterdam, 2014.

